"Público" 27 abril 2020

Portugal, utopia real



Rui Tavares

Por estes dias há 46 anos, o mundo começava a olhar estupefacto para um Portugal do qual se tinha habituado a não esperar nada, abandonado que fora numa ditadura rançosa, esquecida num recanto da Europa (como aliás a da vizinha Espanha) desde o período de entre-guerras, sem que a libertação do pós-guerra lhe tivesse chegado.

Imagine-se as reações nas grandes redações e agências noticiosas internacionais quando lhes começam a chegar, desse país esquecido, fotografias da mais bizarra e bela das revoluções. Soldados de flores nos canos das espingardas; crianças sentadas nos passeios a olhar para os carros blindados ou, mais tarde, já sentadas em cima deles; mulheres e homens apinhados na praça para onde o último ditador tinha fugido. E depois os primeiros telexes e telegramas; a revolução fora feita por militares democráticos, o povo tinha forçado a dissolução da polícia política, os jornais passaram a ignorar a censura, os presos políticos saindo à noite em liberdade, e tudo sem qualquer derramamento de sangue por parte da sublevação democrática (os cinco mortos que houve a lamentar e não podemos esquecer foram vítimas da cobardia da polícia política no seu último estertor). Não admira que a revolução portuguesa tenha fascinado então e continue a encantar quem a conheça.

Não admira, também, que Portugal se tenha tornado momentaneamente no recetáculo de todas as utopias, tanto estrangeiras como domésticas. Houve durante muito tempo, e talvez haja ainda, quem culpe o país ou a história por não se ter decidido a conformar-se com as utopias prediletas deste ou daquele. Pois não; aquilo em que Portugal se tornou foi muito melhor do que isso. Portugal foi então uma utopia real, e de certa forma continua a ser. Uma utopia real não responde a todas as perguntas nem resolve todos os problemas; isso só é possível em mundos imaginários, e uma utopia real tem de se fazer no mundo real. Mas quando olhamos para trás, vemos que se deram respostas e se resolveram problemas que antes se julgou ser impossível superar. O país de que muitos diziam não estar "preparado para a democracia" é hoje considerado a sétima melhor democracia do mundo e a décima em liberdade de expressão; a população que tinha dos mais fracos níveis educacionais da Europa ocidental obcecou-se por fazer das gerações seguintes as mais qualificadas da sua história; a sociedade fechada e isolada é hoje aberta ao mundo e descomplexada; o país urbanizou-se, europeizou-se e modernizou-se; as gentes empobrecidas e desprotegidas conseguiram criar uma sociedade mais desenvolvida e, acima de tudo, um Estado social que tem sobrevivido a ataques e que hoje, em tempos de pandemia, é motivo de orgulho para praticamente todos nós.

Claro que resta muito por fazer. Mas o percurso já feito é impressionante. Se há dias perfeitos na história, o 25 de Abril só pode ser um deles, e legou-nos (ou melhor: permitiu-nos construir) o melhor Portugal de sempre. Sim, se olharmos para trás, facilmente concluiremos que o Portugal nascido no 25 de Abril é a melhor versão histórica de Portugal que já tivemos – em liberdade, igualdade, solidariedade, em educação, cultura e ciência e até em prosperidade partilhada, a verdade é que, desde que houve um reino chamado Portugal, este é o melhor Portugal da nossa história. Por onde quer que olhemos – democracia, tolerância, estado de direito, direitos fundamentais, abertura ao mundo, solidariedade com os outros povos, paz e cooperação, respeito pela dignidade e direitos humanos, educação, civismo e cosmopolitismo – essa conclusão é inescapável.

> **O Portugal nascido no 25 de Abril é a melhor versão histórica de Portugal que já tivemos**

O melhor disto não é que nos permite sentarmo-nos a descansar. É dar-nos a possibilidade de fazer muito melhor.

A "terceira vaga de democratização" começou aqui, em Portugal, e trouxe-nos até recentemente; agora que o mundo voltou a ter mais autocracias do que democracias, e que muitas das democracias mais avançadas dão sinais de retrocessos, é essencial pensar que pode Portugal ser neste novo mundo perigoso. A autoconfiança que ganhámos com o contributo que o sucesso da nossa democratização deu ao mundo – e que quase perdemos com a austeridade e, antes e depois dela, com a ausência de um modelo de desenvolvimento inovador para o país – é o que nos deve nortear nesse caminho.

É aqui que pensarmos no Portugal de Abril como uma utopia real pode ajudar. Quando digo utopia real não falo da imposição de um dogma utópico desenhado a regra e esquadro por uma qualquer ideologia, mas de uma comunidade apostada em fazer florescer todo o potencial das suas gentes. E não falo de uma utopia teórica para um mundo que não existe, mas de uma realidade concreta a construir no mundo real. Essa deve partir de um grande debate nacional, que já tarda, sobre uma nova meta para o nosso país, que não pode ser já somente a da convergência com a média da União Europeia, mas que tem de ser a de uma voz cada vez mais ativa e capaz de marcar a agenda do futuro – como fizemos inesperadamente há 46 anos, e podemos fazer agora da forma que o tempo presente nos exige. Voltarei ao "como" de tudo isto ainda esta semana.

Historiador